

Maílson prevê acordo da dívida em no máximo 15 dias

Roberto Garcia
Correspondente



Maílson da Nóbrega

WASHINGTON — O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, disse ontem que espera uma conclusão das negociações da dívida brasileira dentro de uma ou duas semanas e esclareceu que todas as questões mais importantes para um futuro acordo foram resolvidas. Uma fonte privilegiada informou ao

JB que a mais importante dessas questões — a rapidez com que a redução das taxas de risco será aplicada à dívida, foi finalmente resolvida esta semana. Segundo esse entendimento, cerca da metade da dívida pública brasileira será beneficiada com uma redução das taxas de risco com seis meses de retroatividade. A outra metade terá os spreads reduzidos até o fim do ano. Quanto à dívida privada, as taxas de risco serão reduzidas na medida em que seus contratos forem renovados.

O ministro da Fazenda chegou ontem a Nova Iorque e passou o dia no Hotel Intercontinental em reuniões com representantes do Citibank, Manufacturer's Hanover, Chemical e Morgan Bank. Hoje cedo ele embarca para Washington.

O acordo sobre a redução dos prazos em que começa a vigorar a redução da taxa de risco parece ter sido o primeiro resultado do congelamento da folha de salários do governo federal. Depois dos encontros com os banqueiros, Maílson disse que o pacote da semana passada foi elogiado, embora os credores tivessem ressaltado a necessidade de novos cortes no déficit orçamentário brasileiro.

O ministro repetiu que tão logo o governo finalize o acordo com os bancos, fará o pagamento dos juros da dívida referentes a março. Para o pagamento dos juros de abril, esclareceu, o governo espera algum tipo de empréstimo-ponte, de aumento das linhas de curto prazo à disposição do país ou outro tipo de financiamento.

Agenda — Se Maílson quiser uma oportunidade para expor os dilemas que enfrenta na administração da economia brasileira a seus colegas mais poderosos do mundo e pedir compreensão e ajuda, esta semana suas preces serão ouvidas. O ministro da Fazenda começa hoje a participar, com 22 ministros de todo o mundo, das reuniões do Comitê Interno e do Comitê de Desenvolvimento, que estabelecem a política do FMI e do Banco Mundial. Numa mesma sala ele poderá falar com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, com os ministros de Finanças e presidentes de Bancos Centrais de quase todos os países credores. Se puder impressionar bem seus interlocutores, poderá sair melhor municiado para enfrentar as greves contra sua política de austeridade, com apoio político internacional, novos empréstimos e até uma conclusão para as negociações da dívida.

Se a experiência de seus antecessores servir de modelo, ele sairá frustrado do encontro. Seu antecessor Dilson Funaro saía dessas reuniões dizendo que os credores sempre queriam mais, mostrando a disposição de dar muito pouco.

Maílson chega com credenciais melhores do que seus interlocutores esperavam dias atrás, graças ao congelamento dos salários dos funcionários civis e militares do governo. O pacote de redução do déficit foi elogiado num editorial publicado pelo *Washington Post*, ontem, que ressaltou a coragem política necessária para medidas de ajustamento, "especialmente quando os atingidos são um grupo bem organizado e vociferante".